

# Educação Educante e Fraternal

Celestino Sacht\*

**D**ois jovens - como tantos outros de nossas escolas e de nossas universidades - dois jovens percorrem uma estrada que os leva para casa. Enquanto caminham, conversam sobre o grande acontecimento daquele final de semana: o assassinato de um amigo tão querido. E lamentam a morte do morto.

De repente, um homem se aproxima e põe-se a caminhar com os dois. Seus olhos, porém, não o identificam, tanto mais que o recém-chegado parece ignorar o fato que toda a cidade havia presenciado: a crucificação de um homem de meia-idade.

Metido na conversa dos dois, o desconhecido salta do presente da caminhada, naquela tarde com gosto de cinza, para o passado de outras verdades. E lhes fala de outros homens que se fizeram importantes enquanto escreviam, na sua vida, a história da vida de todas as criaturas já vindas e por chegarem.

Já no fim da caminhada, o estrangeiro é convidado a pernoitar na casa dos dois companheiros de viagem. Uma vez na mesa com eles, para o jantar, toma o pão, pronunciando a bênção, parte-o e o oferece aos jovens antes de, ele também, começar a refeição.

Então os olhos dos hospedeiros se abrem e o reconhecem. O companheiro da caminhada daquela tarde, é o grande Amigo com o qual haviam convivido, ao longo de três rápidos anos, pelas estradas e pelas veredas dos desertos. Seus olhos agora se abrem. Mas o Amigo não está mais entre eles (cf Lc 24, 13-31).

## 1. O RE-ENCONTRO

O re-encontro do Mestre com os discípulos dá-se ao longo de um caminho ao contrário, de uma estrada em outra direção.

Nos três anos de convivência haviam percorrido muitos caminhos em direção a Jerusalém. Os três anos e o caminhar rumo à Capital estavam encerra-

dos; eram o passado da experiência. Agora, a direção é de Jerusalém para Emaús, o presente da vivência. Amanhã, é seguir para o norte e para o sul; para o leste e o oeste, o futuro da sapiência. Ontem, sempre com o Mestre; hoje, meio-caminho com o Mestre; amanhã, sozinhos.

Esse re-encontro, em direção ao presente e ao futuro, está a dizer-nos que não é o rosto e nem a voz que nos identificam diante do Outro, que nos individualizam para a Sociedade ou que proclamam, para a História, a nossa profissionalidade.

Aquilo que jura quem somos e garante o que fazemos, é o nosso gesto, a nossa marca pessoal capaz de concretizar o nosso gosto sobre as coisas e sobre as criaturas que nos cercam. O tempo gasta o rosto e as criaturas. Mas esse mesmo tempo gesta os gestos e os gostos.

Porque percorre um caminho ao contrário, mesmo sem rosto e sem voz identificados, a história de Emaús já dura quase 2 mil anos.

Ao mesmo tempo em que o presente consome o rosto do nosso ser, esse mesmo tempo consolida o presente do nosso produzir, porque é diferente o rosto de quem fala, do gesto de quem faz. Vão-se as vozes e roem-se os rostos. Fica o gesto de partir o pão e de construir o saber.

## 2. A COMUNHÃO

Na educação é o presente que conta; o presente, dinamismo do futuro; o presente, dominador do passado. É o presente-ente daqueles versos de Carlos Drummond de Andrade:

*Não serei o poeta de um mundo caduco.  
Também não cantarei o mundo futuro.  
Estou preso à vida e olho meus companheiros.  
O tempo é a minha matéria,  
o tempo presente,  
os homens presentes, a vida presente.*

A Educação vive não porque viveu. A Educação vivifica porque vive um ensino-ensinante; um ensino que se ensina, mais do que ensina aos outros. Um ensino-aprendente, fraterno, que não se compraz na insensibilidade do apenas aprender e nem na imobilidade do já aprendido.

Educação-educante, ensino-ensinante e aprender-aprendente!

Nos três participios presentes - *educante, ensinante, aprendente* - o participio, sendo uma forma nominal do verbo, está a dizer que tanto o sujeito-educador, o professor, quanto o sujeito-aprendente, o aluno, são e *estão* numa situação fraterna de participantes da mesma ação e ao mesmo tempo. Não apenas sujeitos que a integralizam, mas agentes que se incorporam no próprio gesto de realizá-la.

E são três participios, três participações presentes, continuadas, permanentes, perenescentes.

Na dinâmica do mundo moderno, em que a velocidade do tempo elimina o rosto do sujeito para se fixar no gesto do produto, é preciso que a Educação não se contente apenas com o educar-educado do educador, com o saber-sabido do professor e com o aprender-aprendido do aluno.

É preciso que elas, as escolas, mais o professor e o aluno, comunguem o saber-sabente na fraterna aprendizagem-aprendente. Saber e aprendizagem não se satisfazem com o pensar-pensado e com o saber-aprendido.

Na era da informática e da realidade virtual, no hoje do amanhã e no amanhã do hoje, o saber tem que se tornar sabente e a aprendizagem, aprendizante. Ambos, instauradores do Novo, do Outro, do Risco.

O saber repetido é um saber apodrecido; o saber-sabente é um saber-semente ao cair na terra boa da comunhão para dar mil frutos por um. O saber-sabente gera uma educação-educante enquanto

berra uma reflexão que barra as ideologias que destroem.

Se para os latinos *repetitio mater studiorum*, para os modernos, *repetitio mater stultorum*. Estivessem as Indústrias Hering repetindo a produção dos mesmos tecidos de há 100 anos, estariam fechadas há, pelo menos, duzentos.

### 3. A FRATERNIZAÇÃO

A Filosofia da Educação, a abertura do novo Milênio e, agora, o tema da Campanha da Fraternidade, proclamam que o gesto de educar(-se) incorpora a dinâmica de dois princípios.

Na dimensão de quem aprende, "o aprendiz é um outro eu". Com isto, a pretensa posição "eu sei, você não sabe" é substituída pela composição

"vamos aprender juntos". Na linha do tema a ser aprendido, o hipotético

objetivo "você vai saber o que eu sei" cede lugar ao permanente desafio de alimentar o processo "você vai saber o que eu não sabia".

O caminho de Emaús é hoje. E o Mestre, tal como ontem, já não está mais.

---

*"Saber e  
aprendizagem não  
se satisfazem com o  
pensar-pensado e  
com o saber-  
aprendido"*

---

\*O autor é Professor de Filosofia da Educação na UDESC

#### Fraternidade e Educação

## Uma Quase-Crônica Teológica sobre a Educação da Fé

Pe. Hércion Ribeiro\*

**A**

revista ENCONTROS TEOLÓGICOS há bastante tempo propõe a cada ano um número monográfico sobre a Campanha da Fraternidade em curso. Professores e alunos do ITESC, e outros, refletem e escrevem sobre o

tema. Compareço entre eles, com esta quase-crônica teológica, sem o rigor científico, nem notas e citações, apenas indicando os textos bíblicos de que me valho. É bem verdade que o tema "Educação da Fé" merece um enfoque mais profundo. Prefiri, todavia, de modo mais simples, ousar ver Jesus e, contemplando-o em